

Vida de gado

O menino conta uma história. De vida e sangue seco como pó, amarelo como melado de cana. O menino é só um menino que conta uma história, de alguma fantasia e pura realidade.

Abril Despedaçado é uma adaptação do livro do albanês Ismail Kadaré. Estrelado por Rodrigo Santoro e dirigido por Walter Salles, é um filme belíssimo, que trata de temas universais tendo o antigo sertão nordestino como cenário. Na paisagem árida de água e esperança, as pessoas se confundem com a terra. Vidas encardidas, como as da família Breves, giram sem sair do lugar, feito bois ao redor da bolandeira, roda dentada que esmaga a cana. A presença constante, desde as primeiras cenas, torna a roda de bois uma grande metáfora, onde a vida e a morte se confundem. Como as rixas antigas, que já misturaram muito sangue ao pó da terra disputada pelos Breves e Ferreira, duas famílias aprisionadas às próprias tradições. Terra que só tem o valor pelo sangue que guarda, onde cada gota é sempre paga na mesma moeda.

É nessa terra que o menino conta sua história. Seus pais não lhe deram nome, mas isso não importa. Ele é um Breves. Viu o irmão mais velho, Inácio, ser assassinado. Em torno da roda dos bois ou no vai-e-vem do balanço, ele sabe que o tempo não para. A trégua para que o irmão Tonho (Rodrigo Santoro) vingue a morte do mais velho, dura até a próxima lua. Tempo suficiente para que o sangue da camisa de Inácio, exposta como bandeira no varal, fique amarelado.

Chegado o tempo, Tonho cumpre seu destino. A cena em que persegue e mata o assassino do irmão é de um movimento surpreendente. Depois de puxar o gatilho, o horror e a repugnância de Tonho deixam claro: ele se transformara em algo de si mesmo. Ele seria o próximo, e isso era tão certo como a vida do gado ao redor da roda.

Uma tarja preta no braço de Tonho lembra que ele é gado marcado. Na próxima lua, estará morto. Mas a chegada de Clara, a moça do circo, é prenúncio de que pode chover também no sertão. Apaixonado por ela, Tonho esquece sua sina. Ri, enquanto Clara gira o corpo, agarrada na corda do circo. Como camisa no varal, como roda de moer cana, como ponteiro de relógio que não deixa o tempo parar.

Abril Despedaçado enche os olhos com cenas de beleza extraordinária, como a do cozimento do suco da cana até virar rapadura. Outras, que mostram a roda de cima, chegam a dar sensação de envolvimento e tontura. Às vezes, os sons falam por si sós, como nas cenas em que a respiração cansada dos Breves é o que vemos e ouvimos. Porém, acima de tudo, o filme não nos deixa esquecer que é preciso caminhar. É assim que o sertão vira mar, apesar de ser longo o caminho. Mas caminhar sempre para frente, pois quem anda em círculos é boi de bolandeira, e nunca conhecerá o barulho e a grandeza das ondas.